

As dores da canoagem - Parte I

Ernesto Rusche Junior

Após o sucesso da estréia do Edelweiss, entre Iguape e Paranaguá, o incipiente departamento de canoagem (que na época chamávamos de canoísmo) clamava por ação. O Beck já tinha vendido o caiaque dele para o irmão do Peninha e este topou abrir comigo uma prancheta, com o intuito de levarmos mais dois sócios a experimentar as primeiras emoções de uma descida de rio com corredeiras, em enormes caiaques de 6,10m, pesados, pouco ágeis e carregados até a tampa. O ano era 1977.

Os dois barcos foram transportados numa carreta engatada no fusca-bala. O ponto de partida foi Iporanga e a chegada em Registro, sob a ponte da BR-116. Antes de zarparmos, consultamos o "mapa", que na verdade, não passava de um croqui de um velho livro da biblioteca do CEU. Pernoitamos no rancho do Bairro da Serra. O Vandir estava com uma baita vontade de ir junto, mas dona Diva e as filhas não o permitiram.

Cerca de 5 ou seis carros da turma do CEU chegaram a Iporanga na manhã seguinte. Era final de ano e chovia fino. Sem darmos conta da platéia que assistia, lançamos os barcos n'água. Roberto Falzoni e eu seguiríamos no Edelweiss. Clayton e Peninha no outro caiaque. As despedidas foram efusivas. Nossa experiência até então resumia-se apenas às descidas com câmaras de ar. O pessoal do CEU foi acompanhando pela estrada, aplaudindo e gritando toda vez que passávamos com sucesso por alguma corredeira mais forte. Qualquer fracasso, não se poderia culpar falta de apoio moral... Mas, as temidas passagens não nos deram grandes problemas. Este trecho do Ribeira de Iguape apresenta graus de dificuldade entre 1 e 2. Durante a aproximação, ouvíamos um forte barulho, um pouco assustador para nós novatos. Espichávamos o pescoço, estudava-se o melhor local, e daí em diante tudo consistia em entrar corretamente no meio do canal, torcendo para não bater as bordas nas pedras.

Entre uma corredeira e outra, longos trechos de remanso, onde podíamos descansar ou apreciar a paisagem montanhosa coberta de mata (sim, ainda havia mata!), pelo menos nos dois primeiros dias; depois o relevo vai baixando até ficar monótono, com plantações de banana nas margens. No terceiro dia, o sol apareceu pela primeira vez na excursão. No quarto e último dia, lá pelos lados de Eldorado, cansados e com as pernas meio dormentes, decidimos sair do rio em Registro. Seria muito chato prosseguir até Iguape. Logo após o desembarque, chegou a equipe de apoio, composta por Coriolano e Rosely, que haviam trazido a carreta e

o fusca. Após um jantar de confraternização voltamos para São Paulo. Concluímos no final que o trecho entre Iporanga e Itapeuna seria o ideal para levarmos principiantes. O visual é bonito e o nível de dificuldade chega no máximo a grau 3, dependendo da época do ano. É possível descer com canoas e a estrada vai acompanhando por quase todo o percurso.

Uma vez encerrada esta etapa, começamos a povoar nossas mentes criativas com novos desafios. Para botar mais lenha na fogueira, Beck projetava no CEU filmes em 16 mm sobre canoagem, que ele arranjava emprestado nos consulados. Então, por que não estender esse prazer de remar por horas a fio, sob sol escaldante ou chuva torrencial, com as pernas dormentes aos demais sócios do clube? Iniciamos uma campanha para se conseguir fundos e patrocínio. Eliana, a presidenta, conseguiu verba para a fibra de vidro e a empresa Alba nos doou 40 Kg de resina.

O plano era construir dois pequenos caiaques, leves e ágeis. Edmar cedeu o espaço em sua garagem, Beck entrou com o projeto do molde e eu com minha mão de obra mais ou menos especializada. Em um ano teríamos o molde e um caiaque prontos. O departamento ía de "corredeira em popa". No concurso para nomes de caiaques venceu o sugestivo "CRACK".

Entretanto, duras lições teríamos que aprender antes de cantar os louros do sucesso.

As dores da canoagem - Parte II

Ernesto Rusche Junior

Alguns disseram que foi falta de planejamento. Verdade! Outros, que os barcos não eram adequados. Verdade! Houve até quem dissesse que fomos irresponsáveis. Tudo verdade! Quem liga? Vivíamos na época daquele cineasta brasileiro que proclamava: "o importante é um remo na mão e uma idéia na cabeça". E idéias não nos faltavam, especialmente as de jerico. O fato é que a viagem inaugural do caiaque celeste CRACK foi um desastre, um verdadeiro fiasco olímpico. Servimos até como inspiração para uma jocosa capa do periódico O FÓSFORO, edição número 5.

Quatro sócios se inscreveram para a excursão aberta por mim, com o objetivo de descer o Ribeira de Iguape partindo de Itaóca com destino a Iporanga. A época de verão nos apresentava um rio muito caudaloso e turbulento. O ano era 1978.

Quando chegamos à Itaóca, com grande alvoroço, diversos moradores nos aconselharam a não descer o rio. Entretanto, a equipe composta por Ricardo Dutra, seu irmão, Lucas, Edmar e eu, não ficou nem um pouquinho sensibilizada

pelos sábios conselhos dos nativos. Outro membro celeste, o Celso Zilio, nos dava o apoio logístico e voltou para o Bairro da Serra levando a carretinha, deixando-nos "à própria sorte".

Enquanto acomodávamos a carga nos caiaques percebi uma garrafa de whisky no barco do Ricardo, cheinha. Quando perguntei a ele a respeito da bebida, me respondeu sorrindo:

- ah, isso não é nada, você não viu o trezoitão que está no fundo da mochila!
- O QUÊ, whisky com trezoitão?
- calma, o meu irmão é gente boa e você sabe que lá em casa todos nós andamos armados, não sabe?
- sim, mas, aqui não é São Paulo e...
- então relaxa.

Aquilo me pareceu um mau sinal; havia algo estranho naquela excursão. Minutos antes da partida um "tiozinho" tentou pela última vez nos convencer a desistir.

Os caiques estavam pesados. Edmar remaria o pequeno CRACK, Lucas iria comigo no Edelweiss, e no outro caiaque estavam os irmãos Dutra. Logo de cara percebemos a forte correnteza e a dificuldade de manobra dos caiaques longos, sem leme. Vencemos as primeiras corredeiras com certa dificuldade; já passava das 14 h. Não demorou muito, surgiu uma grande e barulhenta cachoeira, com aproximadamente 1,5m de desnível. O plano (teórico) era encostar os caiaques e espiar de longe, na margem, o grau de dificuldade. Entretanto, a correnteza aliada à pouca manobrabilidade não nos permitiu qualquer esboço de manobra. E o inevitável aconteceu.

O Edelweiss mergulhou de frente na cachoeira, batendo a proa numa pedra e virando em seguida. Atrás de nós vinham os outros três manés, seguindo o mané líder. Um a um, foram todos caindo na mesma armadilha. Os irmãos Dutra soltaram-se facilmente do cockpit, assim como nós, que seguimos agarrados ao barco. A coisa complicou para o Edmar, que ao invés de prender a saia do cockpit com elástico, amarrara com cordim de nylon. Ficou preso e foi arrastado no turbilhão de cabeça para baixo e só conseguiu se safar graça à fragilidade do tecido, que ele acabou rasgando no desespero. Em pânico, abandonou o caiaque e nadou até a margem mais próxima.

Seguimos assim, corredeira abaixo agarrados aos barcos, não me lembro por quanto tempo. Mais à frente, surgiu uma ilha dividindo o rio em dois braços. Lucas e eu fomos arrastados pela direita, os demais foram para o outro lado. O grupo estava agora disperso, não os vimos mais naquele dia. O céu nublado e uma chuvinha fina completavam o quadro desolador. Começava escurecer quando conseguimos parar numa das margens. Cansados e com frio decidimos acampar por ali, em qualquer lugar. O pior havia passado, mas foi uma longa noite. Pelo menos tínhamos roupa seca para dormir (o Rio Branquinho me ensinara alguma coisa). Mas e os outros, estariam bem?

Tão logo o dia clareou procuramos sair dali, varando mato e subindo barranco até a estrada de terra. Pedimos carona de volta à Itaoca. Uma vez na cidade, caminhando pela rua principal, topamos com o restante da "equipe" que saía de um bar após o café da manhã. Estavam todos bem. Abraçamo-nos efusivamente no meio da rua. A cidadezinha de Itaóca já comentava sobre o acontecido, aumentando um pouco o caso, é claro! Após um desabafo geral e emocionado, alguém telefonou para o Bairro da Serra pedindo para que o Celso viesse nos buscar. Enquanto aguardávamos, Edmar nos contou o drama pelo qual havia passado, tendo perdido suas coisas mas salvo a vida; fora resgatado pelos irmãos Dutra que haviam chegado à margem antes de nós. Os três voltaram para a cidade onde pernотaram num hotelzinho.

Iniciamos então a árdua tarefa de pegar os caiaques grandes que haviam ficado rio abaixo, escondidos no mato. Voltamos pela estrada e com a ajuda de galhos cortados e cordas, carregamos barranco acima nossas preciosas embarcações. O caiaque do CEU foi dado como desaparecido por todos.

E assim frustrados, decepcionados e com o orgulho ferido, voltamos para casa.

Durante a viagem de volta ia pensando no futuro do departamento de canoísmo do CEU. Não podia crer que havíamos perdido um barco que nos custara tanto a ficar pronto. Afinal, minha velha e boa estrela sempre brilhara nos momentos difíceis; estaria agora se apagando?

As dores da canoagem - Parte III

Ernesto Rusche Junior

Restava ainda um fiapo de esperança de encontrar o CRACK. Mas, para isso seria preciso voltar ao Ribeira de Iguape, acompanhá-lo pela margem direita e passar um pente fino pelo rio. Somente o Edmar se propôs a me acompanhar nesta empreitada, os demais não viam qualquer chance de sucesso.

No final de semana após a malfadada excursão, desembarcamos novamente em Itaóca. Um táxi nos levou até o ponto onde havíamos resgatado os caiaques grandes. De lá seguiríamos a pé, vasculhando cada canto, cada pedra, perguntando aos moradores ribeirinhos sobre o barco desaparecido. Levávamos facões, binóculos, barraca e comida para vários dias. Não havia trilhas. Era preciso varar mato, pular pedras, subir e descer barrancos, para depois voltar novamente à margem do rio.

O primeiro dia dessa busca foi cansativo e sem nenhuma pista. Ao entardecer, um caboclo nos convidou a pousar em sua cabana de chão batido. Jantamos à luz de lampião, ouvindo música sertaneja e causos da região. Lá pelas 5 h da manhã, já estávamos em pé novamente. O cara nos deu umas dicas a respeito de moradores que poderiam nos dar informações. Agradecemos e retomamos nosso curso. A estrada que acompanha o rio afasta-se do mesmo em alguns lugares, era preciso então entrar por sítios e pastos para chegar até ele. Mais um dia se findava e... nada! Por volta das 16 horas, chegamos a uma casinha e pedimos permissão para acampar por ali. Apareceu então um senhor de meia idade que ficou interessado na nossa história e disse ter encontrado "uma coisa diferente", parecida com um barco, mas que ele nunca havia visto outro igual. Acompanhamos o tiozinho até os fundos da casa e... ERA ELE, o próprio, em carne e osso ou melhor, em fibra e resina. Estava bastante surrado, esfolado e com rachaduras, mas nada que uns dias de estaleiro não resolvessem. Infelizmente, a bagagem do Edmar não havia sido encontrada dentro do caiaque.

Voltamos de carona até Itaóca e de lá seguimos para o Bairro da Serra. No dia seguinte, com o apoio do carro da Eleonora, que andava por lá fazendo suas pesquisas com morcegos, trouxemos o CRACK de volta a São Paulo. O departamento de "canoísmo" estava salvo!

Após alguns dias de trabalho, o CRACK ficou novo outra vez (agora mais experiente). Vieram novas e bem sucedidas excursões, inclusive com descidas de corredeiras. Não, não voltamos mais à Itaóca; esse é um assunto ainda não muito bem resolvido, virou tabu!

Quando estávamos nos animando para começar a construção do segundo caiaque celeste, outro golpe nos atingiu. O barco foi roubado da casa do Walter em Itanhaém. Tentaram levar também o Edelweiss, mas desistiram devido ao peso, provavelmente. Mas, a chama celeste não se apagou. Alguns dias depois, o Ricardo Dutra descobriu numa loja próxima ao aeroporto, uma "liquidação" de caiaques usados. Ele comprou quatro e eu três. Demos uma garibada geral nos

barcos e, em pouco tempo, sete sócios celestes eram os felizes proprietários. Não poderia ser melhor!

Mas, os deuses da canoagem resolveram traçar outro destino para nós. O CEU passou por um período difícil, chegando à beira da extinção. Um a um, os sócios foram sumindo e levando seus preciosos barcos. O Edelweiss ficou mofando solitário até ser vendido também, algum tempo depois. Seguiu-se um longo período de inatividade canoística.

Lá pelos idos de 87, fiquei sabendo de uma canoa canadense que um cara fabricava no fundo do quintal, no Rio de Janeiro. Logo após a compra, Claudio Linhares e eu fizemos uma excursão até a Juréia. Foi o suficiente para saber que a canoa era o grande "must" ...!

Reinaldo e Noeli aceitaram o convite para uma canoada na represa de Paraibuna. Na primeira quarta feira após a excursão, foram projetadas as fotos no CEU e a sorte estava lançada. Uma nova excursão, desta vez pela cabeceira do Rio Tietê, em Salesópolis, foi o impulso final para a canoa conquistasse novos simpatizantes.

Surgiu então o projeto Rio Taquari, de atravessar o Pantanal com 4 canoas, num percurso de 450 km. O CEU recebeu 3 canoas de fibra doadas pela Mistral para a realização da expedição, que foi um. Daí em diante, outras excursões foram acontecendo: Parati-Mirim, Ilha do Cardoso e Superagui, Ilha Anchieta, represa de Furnas, etc...

Desde o período cambriano do CEU, alguns visionários já se interessavam pela canoagem. Os caiaques ainda não eram conhecidos no país do "milagre". Foi preciso que o arqueosócio Tiranossauro beckx tivesse a ousadia de construir seu próprio e pioneiro caiaque para levar ao clube mais esta opção de excursionar.

Agora, é só planejar a próxima...